

De um plaiño no Altiplano verticalmente jorra em tetraedre imenso, rumo nadir-zenite, petrificado jacto. Assim, no alívio aprumo, é se que aspecto prima?, de que palmeira fuste?, de que portal colunar?, de que navel mastro?, de que confina balia?, de que bandeira postoi?, de que alto-mar faroi?...

E ouve-se — Nem prima, nem fuste ou coluna, nem mastro ou balia, nem postoi ou faroi. Eu sou a espada que a Madre Terra, quando ao seu seio se aconchegaram os filhos mortos, materialmente desentãohou. Farta de pedra, mas pedra feita de ossos e cinzas e calcinada pela candência do seu amor, tornei-me a espada de nascença. Têmpera impertrita à intempérie avosa, sou a refratária. Contra mim nem mesmo as adversas forças dos Quatro Elementos — Terra, Ar, Água, Fogo — prevalecerão.

Não há chilo que me corrompa, não há vento que me vergue, não há chuva que me oxide, não há sol que me derreta.

Alçada sobre o silêncio de eternizada trincheira, — vigia de quatro séculos, expecta de quatro estações e aos quatro pontos cardeais — eu sou a espada de pedra — pedra angular de uma Pátria, pedra-detoque da Raça, pedra do Lei e do Altar que na queto gêmea lenda traz legenda que reza:

"AOS ÉPICOS DE JULHO DE 32, QUE, FIÉIS CUMPRIDORES DE SAGRADA PROMESSA FEITA A SEUS MAIORES — OS QUE HOUVERAM AS TERRAS E AS GENTES POR SUA FORÇA E FÉ — NA LEI PUSERAM SUA FORÇA, E EM SÃO PAULO SUA FÉ —"

GUILHERME DE ALMEIDA

emp 2.1.8. 902

Guilherme de Almeida
REVOLUCIONÁRIO
CONSTITUCIONALISTA DE
1932

Lembro-me bem! Que alvoroço
sacudiu meu corpo moço
quando, à Lei montando guarda,
refulgiu como um corisco
pelo Largo São Francisco
o cáqui da minha farda...



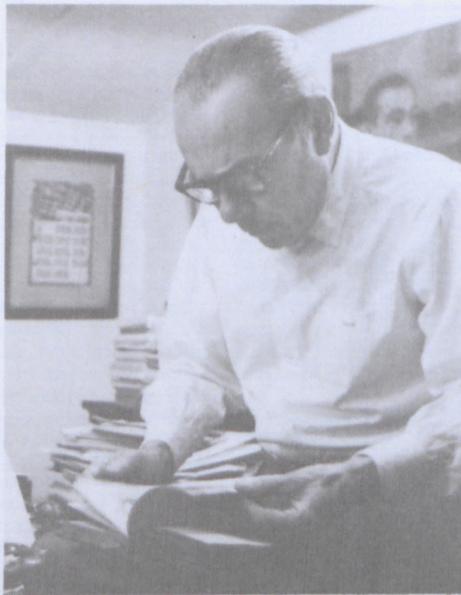
TEMÁTICA E LEGENDAS DOS MOSAICOS DO MONUMENTO-MAUSOLÉU AOS HERÓIS DE 32

Quatro são os grandes painéis de mosaico executados pelo Studio Padoan, de Veneza, para a abóbada e a cripta do Monumento-Mausoléu AOS HERÓIS DE 32, segundo concepção e desenhos de Galileu Emendabili e legendas de minha autoria:

- I — São Paulo: Cidade do Trabalho
- II — N a t i v i d a d e
- III — S a c r i f í c i o
- IV — R e s s u r r e i ç ã o

Eis os temas e as inscrições que eles ilustram:
I — SÃO PAULO: CIDADE DO TRABALHO — É este painel uma faixa circular inicial da alta abóbada cônica aberta, em obus, no interior do imenso obelisco, e emborcada, como redoma, sobre o sono eterno do Grande Morto de mármore estendido na sua essa, entre a cripta e a capela. As imagens desse anel de mosaicos dir-se-iam a derradeira visão de São Paulo que o Herói guardasse sob as palpebras. Entre o vôo da "bandeira das treze listas" e a bênção do Apóstolo São Paulo, opostos diametralmente no arco enorme, desdobra-se toda uma teoria de másculas figuras do trabalho: um timoneiro ao leme (evocação do "Non ducor, duco" do brasão metropolitano), abridores de estradas e assentadores de dormentes, pedreiros construtores, operários da Indústria, da Lavoura e do Comércio. Acompanhando essas imagens, reza a legenda circular ininterrupta: "Gente do trabalho muito e múltiplo, como seu padroeiro — o apóstolo São Paulo — levou ao gentio o livro da lei e teve a espada do martírio".

Embaixo, na capela, os três grandes murais, à esquerda, ao fundo e à direita do altar, represen-



GUILHERME DE ALMEIDA

tam três máximos instantes da vida de Jesus Cristo sobre a terra, paralelos a três momentos máximos da História de São Paulo. Tratada com religioso respeito, essa simbólica correspondência entre o plano divino e o humano assim se apresenta:

II — NATIVIDADE — O menino Jesus entre Maria e José, e a piedosa adoração e humilde oferta dos pastores. Simultaneamente, no alto, vêm figurados a Fundação do Colégio Jesuítico, a obra paciente da catequese e a defesa do burgo nascente.

III — SACRIFÍCIO — É o Calvário. O Deus Martir, braços abertos para a Humanidade. Maria, de joelhos, ante o Filho crucificado. Em cima à esquerda, a mãe paulista despede-se do filho que parte para a trincheira; à direita, tomba em combate o Voluntário de 32.

IV — RESSURREIÇÃO — A pedra afastada, o túmulo aberto, os guardas adormecidos na madrugada da Ressurreição. E o Senhor alcançando-se, em toda a sua divina Glória. Simétricas, erguidas para o céu, de um e de outro lado, duas figuras alegóricas anunciam o advento da Vitória e da Constituição.

Acompanhando as imagens representativas desses três máximos instantes da História de São Paulo, desenvolve-se esta legenda — um cântico que escorre dos três mosaicos —: "Da Cidade, que nasceu sob o signo da conquista pela fé, partiu o soldado da lei e um dia tombou, para ressurgir na plenitude do grande ideal conquistado: Constituição".

GUILHERME DE ALMEIDA



NATIVIDADE



SACRIFÍCIO



RESSURREIÇÃO

ROTEIRO DO EXÍLIO

GUILHERME DE ALMEIDA
MEUS CAMARADAS!

Porque vós sois São Paulo, e porque eu sou Paulista mandastes e obedecê. Que eu aqui viesse, da vigília do XXV aniversário da Nossa Guerra fazer a derradeira evocação ritual — foi a ordem. E eis-me a cumpri-la.

Tôda uma noite — do apagar-se ao acender-se o sol — passei ante mim mesmo, duplicado por desfocalização, a saudade em 1957 e o pensamento em 1932 a perguntar-me e responder-me. E é esse depoimento que aqui está, intacto, e que, intacto, vos ofereço.

"ROTEIRO DO EXÍLIO". . . . Quando, como, onde começou o exílio dos condenados, "criminosos" do Nove de Julho? — Foi na manhã de 10 de Outubro de 1932 que nós, os pseudo-derrotados de 28 de Setembro recebemos um "convite" telefônico para estarmos às 20 horas, se pudéssemos, na Secretaria da Segurança Pública, a fim de prestar declarações. "Se pudéssemos" — dizia o "vencedor" E todos pudemos. Nem um único faltou. Sabendo, embora, instintiva e intuitivamente, o que significava aquele convite, todos nós comparecemos. E íamos chegando, na noite caída e apreensiva da cidade conquistada. Galgados os degraus de mármore do casarão do Pátio do Colégio, ouvimos da autoridade a notícia de que um comboio especial nos esperava numa estação suburbana da Estrada de Ferro Central do Brasil, para levar-nos ao Rio, onde seria tomado o nosso depoimento. E dali, do berço da nossa cidade, partimos num obscuro, silencioso cortejo, até a plataforma acanhada de cimento sujo e luz mortíca da estação de Guaiuna, onde nos aguardava uma sombria composição de carros que teriam sido de primeira classe. Embarcamos. Na noite fuliginosa, a locomotiva resfolegou sem apito: e o trem rangente moveu-se numa pegajosa lentidão de lesma.

Dentro dos carros de portas guardadas por metralhadoras estávamos procurando acomodação nos bancos de palhinha poída, quando mal transposto o talude marginal, que continuava na sombra a plataforma da estaçãozinha triste, — chamou-nos a atenção um estridente estilhaçar-se de vidros partidos. Uma grande pedra, atirada do alto da rampa sobre o leito da estrada, contra o comboio dos Paulistas presos, espatifou o vidro da janelinha a meu lado, e estatelou-se a meus pés. Assim envagelicamente, contra os pecadores, que partiam, houve alguém — um inocente — que atirou a primeira pedra. . .

Longa, de quase vinte horas, foi a viagem rumo à Capital Federal. Era rígida a vigilância armada contra os vigilantes, como se pudessem fugir aqueles que não puderam recusar o "convite" da Polícia. . .

Chegada ao Rio, pela tardinha. Entrando num desvio, o trem vem encostar-se à plataforma da estação de Alfredo Maia. E aí, à medida que desembarcamos, somos devidamente escoltados, metidos em autos de praça que nos conduzem à Casa de Detenção do Distrito Federal. Espera-nos aí, desoladora como um dormitório de internato, a Sala da Capela: peça estreita e comprida, duas longas filas de leitos ladeando a mesa-grande de tábuas sobre cavaletes, estirada ao centro. São vinte dias de incertezas,

que aí passamos esperando — o que? — Nem o indagávamos. Bastava-nos sentir que era aquilo uma nova trincheira paulista, que defendíamos de baionetas caladas: o nosso silencioso pensamento. Uma noite. . .

São nove da noite de 31 de Outubro de 1932, quando o presidiário Pedro, que nos servia, irrompe pela sala, e, batendo palmas transmite a ordem recebida: — "Pessoal! Aprontem as trouxas que vai tudo partir".

Partir? . . . Para onde? . . . — Não importa: São Paulo irá conosco. Ou somos nós que iremos com Ele. Não andou a Apóstolo "in itineribus saepe"? . . .

Avizadas, pessoas de nossas famílias vêm assistir, além das grades do pátio da prisão nossa partida sob as armas vencedoras. Há um silêncio pesado, como de corações parados, na noite equívoca. Súbito, uma voz de mulher grita sem medo: — "Viva São Paulo!" E responde, abafada, uma voz de homem: — "Viva!".

Sempre escoltados, dois a dois a dois, somos metidos em taxis que nos levam a um cais soturno, de onde uma lanchar nos transporta para bordo de um navio fundeado ao largo. O "Pedro I".

Nossa primeira noite no barco presidiário. Gente armada, agentes-de-polícia por todas as dependências. O despertar do Dia de Todos os Santos. E, pelo anoitecer, uma grande lanchar que vem de terra, fretada, com parentes e amigos nossos trazendo-nos roupa (que era pouquíssima a das trouxas), doces, sanduíches, cigarros. . .

É aí sobre o mar a segunda noite em torno do barco enigmático. Pela madrugada, somos despertados por um leve tremor de máquinas e um ligeiro balouço que faz dançar as roupas nos cabides. Dos beliches, pelas vigias, entrevemos o esverdeado do céu madrugando. . . Já passávamos a Pedra da Lage — e fomos barra-fora. Era o Dia de Finados de 1932.

Agora, a inspeção do barco. Era o "Pedro I" um velho ex-alemão. Apenas um terço das máquinas funcionando. Casco remendado a cimento; calado a mais de um metro abaixo da linha de flutuação; nem um só escaler de salvamento; — nem um único salva-vidas nas cabines. . . E assim, sem condições de navegabilidade, nevagava o "Pedro I" milhas e milhas fora da rota comum. . .

Mas é lindamente consoladora a nossa irmanação a bordo. Sem saber para onde nos mandavam (será Fernando de Noronha? . . .) só nos restava pensar no de onde vínhamos: São Paulo. . . E, pensando, um de nós, num seu íntimo "diário de bordo", escreveu, datada do dia 5 desse Novembro, esta página:

"Não há mulheres a bordo? Há. Viaja conosco uma passageira clandestina, de volta a Portugal, seu país de origem.

Vive toda e sempre escondida. Nem a oficialidade, nem o pessoal de bordo, nem os agentes-de-polícia que nos espiam, nem a escota que nos. . . que nos inveja — ninguém notou ainda a sua presença entre nós na prisão flutuante.

E no entanto ela está por toda a parte. E ela divide, a clandestina, por todos nós, o seu carinho santo, com a piedade generosa de uma irmã de caridade. Vai, de cabine em cabine, de mesa em mesa, de pensamento em pensamento. Senta-se no beliche, ma-

tualmente, a cabeceira daquele que a insônia atormenta, e repete o gesto antigo que cobriu, como uma asa, o nosso berço; apoia-se, como uma cruz suavíssima ao ombro daquele que, sentado num rolo de cordas da popa, finge olhar o crepúsculo exangue; debruça-se sobre o que escreve ou o que lê, e conduz a mão sobre o papel, ou volta as páginas do livro. . .

Quando ela veio de Portugal era loira e leve: parecia a "velida" de D. Diniz, a "bem talhada", a "delgada", a "muito alongada de gente", bailando "solo verde ramo froldo". . . Mas aqui nos trópicos americanos, queimou-se de sol e amolentou-se no balanço das redes e das palmas.

E eis, agora, regressa mais languida e mais humana à sua pátria. . .

Viaja conosco uma passageira clandestina de volta a Portugal, seu país de origem.

Ela é a SAUDADE.

(O Meu Portugal — págs. 17/19 — Guilherme de Almeida — 1ª Edição — 1933 — Cia. Ed. Nacional).

Chegada ao Recife. O "Pedro I" lança ferros ao largo. E aí, sob os olhos, que pretendiam ser de arrogante desdém, do interventor da ditadura no Estado de Pernambuco, somos transbordados para o "Siqueira Campos". E neste barco recebem do Itamarati os setenta e quatro prisioneiros paulistas passaporte ex-ofício válido para Portugal.

É mais desafogada a vida a bordo do "Siqueira Campos". Não mais a vigilância armada. Tripulação compreensiva. Apenas, a ordem de escala única: Lisboa.

Passamos Fernando de Noronha. É noitinha e estamos jantando, quando no horizonte marítimo se debuxam, áspers e negras, as pedras de São Pedro e São Paulo. Última fímbria de terra brasileira, que vai sumir de nossos olhos, — talvez para sempre. . . E é então que, espontaneamente, como um só homem, aqueles setenta e quatro expatriados — os indesejáveis atirados fora como rebotalhos humanos — sentindo e compreendendo que quem os expulsava não era a Pátria mas os seus falsos donos, ao perder de vista a sua terra, "sua" de verdade, em coro, numa voz única, de pé entoam o Hino Nacional Brasileiro.

Ante-véspera de nossa chegada a Lisboa. Reunimo-nos em assembléia no salão do "Siqueira Campos". Precisamos combinar, acertar entre nós a atitude a manter em terra que, apesar de irmã no sangue e no espírito, é uma nação estrangeira. Seremos, certamente, cercados pela curiosidade natural da imprensa, na terra que nos irá hospedar. Não podemos, sem indelicadeza, negar-lhe uma palavra. E redigimos uma entrevista coletiva — no seu conteúdo apenas uma saudação a Portugal, — dela tiramos cópias a máquina: e desembarcamos no Cais do Sodré, cada um de nós com a folha de papel dobrada no bolso, para quem a pedisse. Era o dia 18 de Novembro de 1932.

Lisboa. . . Página de uma crônica escrita então:

"LISBOA. . . Só "boa"? Não? É LIS. . . ÓTIMA!

Foi a mocidade espirituosa, esportiva, alegre, guerreira, valente, do meu patrício Tito Pacheco que, na sua expansão encantada e incortida, soube fazer, sem querer, por uma tarde de chá, esse "calembour" exato.

Ótima!

É mesmo, em tudo e em todos uma fartura, uma riqueza, um excesso de bondade que transborda.

Aliás, parece esse transbordamento uma característica da raça. Vem de longe. Vem do fundo. Quando este povo, tão grande, já não coube neste território tão pequeno, transbordou destas praias ocidentais e rolou por mares inéditos em busca de mundos anônimos. . .

E a virtude típica continua a mesma. Quando, nas tabernas do povo, a frutinha vermelha cai dentro do copo de "ginjinha", o líquido é tanto que escorre e lambe a tábua do balcão. . . O "garçon" que serve um Porto numa "Leitaria", não profere o "Say when!" do estilo econômico, deixa que o vinho toque à vontade os bordos do calice longo e se extravasa francamente para o pires. . . Os "eclairs au Chantilly" da Benard não são apenas uma flor de retórica dos "menus": são um exagero de creme alvo e leve que não se contém mais dentro do bolo e se entorna e se derrama largamente. . .

E duplica-se, a decuplica-se, e centuplica-se por nós todos — "touristes" da revolução paulista — esse transbordamento carinhoso.

Chegam senhoras paulistas a bordo de um transatlântico inglês. Chegam também ao mesmo tempo, por outro vapor, ingle reumáticos que vêm para a cura "ensoleillé" dos Estoris. Na azáfama da alfândega, todos se misturam. Mas as malas dos ingleses são examinadas meticulosamente, peça por peça: até os mais íntimos, delicados "undies" bem "post-Victorian" são sacudidos à luz meridiana. . . E a nossa bagagem é apenas aberta, nem sequer olhada, e é marcada a giz, e passa. . .

Entro numa papelaria para comprar uma caixa de papel-de-cartas.

— São dezesseis escudos.

— Mando entregar ao Hotel de. . .

— Ah! Perdão! V. exa. é exilado. . .

— PAULISTA!

— Tem 15% de abatimento!

LISBOA. . . Só "boa"? Não! É LIS. . .

ÓTIMA!

(O Meu Portugal — págs. 35/38 — Guilherme de Almeida — 1ª Edição — 1933 — Cia. Ed. Nacional).

Meses passados na acolhedora, maternal cidade, sempre juntos de corpo como de espírito, pouco a pouco nos fomos dispersando, que o exigiam as contingências da vida. E também a tirania da morte: Álvaro de Carvalho, Haroldo Pacheco e Silva. . . Desgarro-me temporariamente do rebanho. Agora não somos mais "nós". Agora. . . agora, neste roteiro, sou eu apenas. PARIS!

Maio de 1933. A Primavera parisiense é toda um voo alvo de filô, no véu das "premières comunitas" que desfilam em bandos pelos passeios; nas caixas de cetim branco que enfeitam as viaturas das "bombonnières"; nos raminhos de alvo "muguet" que vendem as floristas; nos líquidos vestidos-de-noiva das quatro fontes de Lalique "posando" no "Rond-Point" dos "Champs Elysées". . .

Paris! Mas, que adorável paradoxo é o que envolve a velha, sempre encantada e encantadora Lutécia! — Nas malhas do seu poder a um tempo dissolvente e absorvente, Paris esconde entretanto o dom de super-afinar as sensibilidades. A não ser em Portugal, continuação de nós mesmos, nunca, em parte alguma de terra estrangeira, SÃO PAULO me foi mais presente do que em Paris. Neste instante de mediadativa rememoração, sinto marcada por três momentos, essa presença de SÃO PAULO em Paris:

— um perfume.

— uma toada.

— uma poesia.

O PERFUME: Vou, na manhã já estival, caminhando, distraído pela Rue Boissière. Subitamente, passa por mim, insinuante e inconfundível, o perfume de São Paulo: aquele cheiro quente, feito de terra e sol, que é o cheiro do café torrado. Aspiro-o com o coração aos saltos, os sentidos distendidos. E vou farejando como um cão atigado, no seu rastro. Vou. Dobro uma esquina. Outra. . . Entro na Rue Mesnil. É dali que vem o sensorial apelo. Alguns passos mais: e eis uma pequena e moderna "boutique", a fachada pintada de verde-claro e prata, com a tabuleta que diz: — "Café des Plan-teurs de São Paulo. . . Entro: 75 cên-timos a xícara. E foi como um longo beijo de amor nos bordos da porcela-na verde que eu sorvi aquela amostra do nosso sangue, do nosso suor e das nossas lágrimas, que é o que ainda in-sufia o ritmo vital no coração do BRASIL.

A TOADA: Por um entardecer azul-cinzeno da Rue du Faubourg Saint Honoré vou eu flanando, desfo-lhando à toa os olhos e o pensamento. De-repente, um como estranho fluído vara-me, de alto a baixo, num frené-tico arrepio. Alguém que caminha à minha frente, assobia uma toada mar-cial. E, automaticamente marcando por aquele ritmo o meu passo cami-nho cantarolando baixinho:

MARCHA, SOLDADO PAULISTA, MARCA O TEU PASSO NA HISTÓ-RIA!

DEIXA NA TERRA UMA PISTA, DEIXA UM RASTILHO DE GLÓRIA!

O hino de Marcelo Tupinambá. Incrível! "O Passo do Soldado", com letra minha, que levava às trin-cheiras de Cunha o meu Batalhão da Liga de Defesa Paulista, ouvido assim em PARIS! Olho. Procuo. Descubro. Compreendo.

Estugo o passo. Alcanço o asso-biador. Bato-lhe nas costas. Ele volta-se. Abraçamo-nos. Meu querido HO-RÁCIO SABINO!

A POESIA: Em Coimbra, no mês de Julho do ano de 1843, o patrono de minha cadeira na Academia Bras-leira de Letras — GONÇALVES DIAS — compôs os mais citados e recitados versos da nossa poesia: "Canção do Exílio". Precisamente 90 anos mais tar-de, no mês de Julho de 1933, exilado em Paris, não de propósito, mas casual-mente, por uma noite de tristeza surpreendi-me dizendo de mim para mim a canção dolente, e continuando-a, sem querer. Assim:

**"MINHA TERRA TEM PALMEIRAS, ONDE CANTA O SABIÁ!
AS AVES QUE AQUI GORGEIAM NÃO GORGEIAM COMO LÁ.**

**NOSSO CÉU TEM MAIS ESTRELAS,
NOSSAS VARZEAS TÊM MAIS FLÔRES;
NOSSOS BOSQUES TÊM MAIS VIDA,
NOSSA VIDA MAIS AMORES". . .**

**MINHA TERRA TEM TUDO ISSO
E MAIS DO QUE ISSO TAMBÉM!
MAS HÁ UMA PEQUENA COISA,
EXISTE UM PEQUENO ALGUÉM
— SOU EU MESMO, É A MINHA SOMBRA:
UM NADA, UM QUASE NINGUÉM,
QUE OUTRAS TERRAS TÊM AGORA
E A MINHA TERRA NÃO TÊM!**

Longe de SÃO PAULO, longe do meu e dos meus, e, pois, desajustado, "depaysé" foram esses coitadinhos os únicos versos que consegui compor no exílio.

Mas. . .

Eis a ordem de retorno a SÃO PAULO. Deixo PARIS e embarco em Cherbourg pelo "Arlanza" da Mala Real Inglesa. Ao tocar em LISBOA, entre outros amigos, vem abraçar-me a bordo o diretor de importante agência telegráfica francesa. E, ao despe-dir-se, diz-me ele:

— Não visitei ainda o Brasil. Peço-lhe que leve aos seus compatriotas a opinião sincera e desinteressada de um homem que já viveu em quase todo o mundo; não conheço embaixada mais diplomática, mais digna, mais altamente significativa da nobreza de

um povo, do que essa formada pelos exilados da **REVOLUÇÃO PAULIS-TA!**

Desembarco no Rio, na tarde de 30 de Julho de 1933. Dias depois, pelo noturno da **Central do Brasil**, chego a **SÃO PAULO**. Gente amiga na plataforma da **Estação do Norte**. Ao sair percorrendo toda a composição do trem que me trouxera, chama-me a atenção a locomotiva ainda resfolegante. Elas costumavam ter nomes — as locomotivas — como os navios. Essa chamava-se "**Getúlio Vargas**".

Alguém à saída, atira-me um pu-

nhado de flores. E, involuntária e inevitavelmente, meu pensamento faz marcha-ré e detém-se, um instante, naquela estaçãozinha escura da nossa partida para o exílio onde, evagelica-mente, contra nós, pecadores, houve um inocente que atirou a primeira pedra. Ora, hoje, na vigília do XXV aniversário da sua escura façanha e de nosso luminoso feito — "Sursum cor-da!", meus camaradas, ergamos e ofe-reçamos ao anônimo a memória melancólica dos nossos corações agrade-cidos!

SÃO PAULO, 4 DE JULHO DE 1957

Oração Ante a Última Trincheira

Agora, é o silêncio.

É o silêncio que faz a última chamada.

E é o silêncio que responde: "Presente!"

Depois, será a grande asa tutelar de São Paulo — asa que é dia e noite e sangue e estrela e mapa

— descendo, petrificada, sobre o sono que é vigília.

E aqui ficareis, Heróis-Mártires, plantados, firmes, para sempre, neste santificado torrão de chão paulista.

Para receber-vos, feriu-se ele da máxima de entre as únicas feridas, na terra, que nunca se cicatrizam, porque delas uma imensa coisa emerge e impõe-se, que as eterniza.

Só para o alicerce, a lavra, a sepultura e a trincheira se tem o direito de ferir a terra.

E, mais legítima que a ferida do alicerce, que se eterniza na casa, a dar teto para o amor, a família, a honra, a paz;

mais legítima que a ferida da lavra, que se eterniza na árvore, a dar lenho para o leito, a mesa, o cabo da enxada, a coronha do fusil;

mais legítima que a ferida da sepultura, que se eterniza no mármore, a dar imagem para a saudade, o consolo, a bênção, a inspiração;

mais legítima que essas feridas é a ferida da trincheira, que se eterniza na Pátria, a dar toda a pura razão-de-ser da casa, da árvore e do mármore.

Este cavado trapo de terra — corpo místico de São Paulo, em que ora existis, consubstanciados — mais que corte de alicerce, sulco de lavra, cova de sepultura, é rasgão de trincheira.

E esta, perene, que povoais, é a nossa última trincheira.

Esta é a trincheira que não se rendeu:

a que deu à terra o seu suor,

a que deu à terra a sua lágrima,

a que deu à terra o seu sangue!

Esta é a trincheira que não se rendeu:

a que é nossa bandeira gravada no chão

pelo branco do nosso Ideal,

pelo negro do nosso Luto,

pelo vermelho do nosso Coração!

a que, atenta, nos vigia;

a que, invicta, nos defende;

a que, eterna, nos glorifica!

Esta é a trincheira que não se rendeu:

a que não transigiu,

a que não esqueceu,

a que não perdoou!

Esta é a trincheira que não se rendeu:

a que a vossa presença, que é relíquia,

transfigura e consagra num altar

para o vôo até Deus da nossa Fé!

E, pois, ante este altar, de joelhos

a vós rogamos:

— Soldados santos de 32,

sem armas em vossos ombros, velai por nós;

sem balas na cartucheira, velai por nós;

sem pão em vosso bernal, velai por nós;

sem água em vosso cantil, velai por nós;

sem galões de ouro no braço, velai por nós;

sem medalhas sobre o cáqui, velai por nós;

sem mancha no pensamento, velai por nós;

sem medo no coração, velai por nós;

sem sangue já pelas veias, velai por nós;

sem lágrimas ainda nos olhos, velai por nós;

sem sopro mais entre os lábios, velai por nós;

sem nada a não ser vós mesmos, velai por nós;

sem nada senão São Paulo, velai por nós!

GUILHERME DE ALMEIDA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
GOVERNADOR: PAULO SALIM MALUF
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
SECRETÁRIO: ANTONIO HENRIQUE DA CUNHA BUENO
CASA DE GUILHERME DE ALMEIDA
DIRETOR: OTÁVIO MAMEDE JÚNIOR

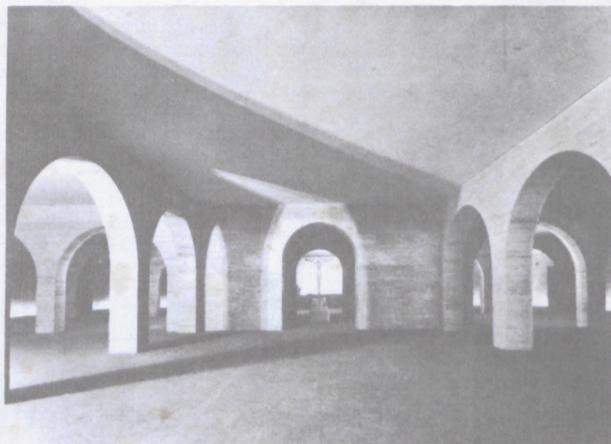
CASA DE GUILHERME DE ALMEIDA — RUA MACAPÁ, 187 — SUMARÉ
TELS.: 263-0621 e 263-1883 — 01251 — SÃO PAULO — SP.

Governo
Paulo Maluf



trabalhando
pelo Brasil.

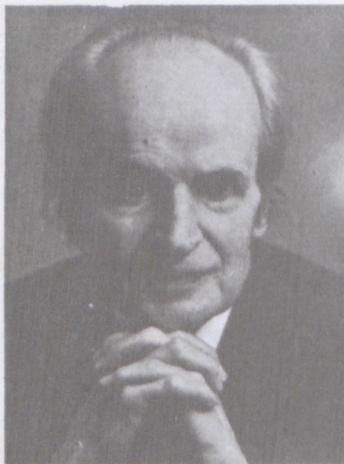
Detalhe da Escultura de "O Grande Morto", em mármore, entre a cripta e a capela, e de cinco das dezesseis esculturas do obelisco, de 72 m de altura, em mármore de Carrara. Fotos de Ugo Zanella



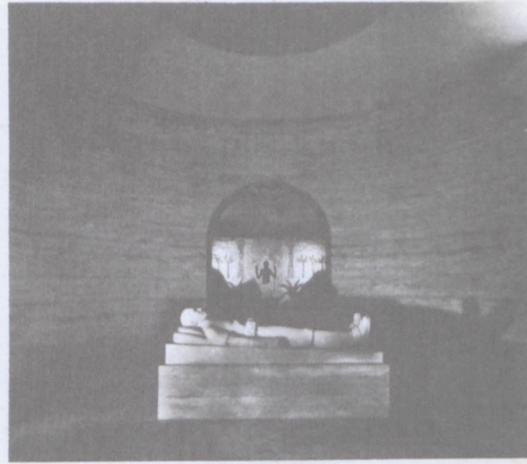
ARCADAS DA CRIPTA



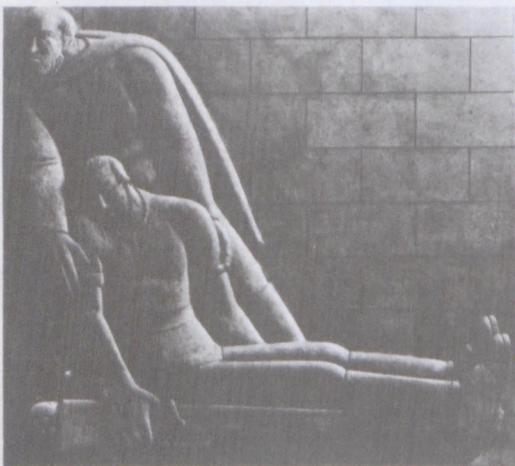
O ROSTO DO GRANDE MORTO



GALILEO EMENDABILI
O ESCULTOR



O GRANDE MORTO EM SUA ESSA



Decreto N. 8296, de 11 de julho de 1969

PAULO SALIM MALUF, Prefeito do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei;

CONSIDERANDO a vida de Guilherme de Almeida um exemplo que deve ser seguido e cultuado pelas gerações futuras;

CONSIDERANDO a grandeza heróica de sua vocação patriótica e o amor que devotou aos destinos de seu povo;

CONSIDERANDO a genialidade de sua poesia, a têmpera de seu caráter, o idealismo de seus gestos e a nobreza de seu coração;

CONSIDERANDO o significado d'êste reencontro do poeta com sua Causa, do homem com seus Irmãos, da palavra iluminada com o Verbo que habita o Mausoléu dos Heróis

de 32;

CONSIDERANDO que a história, a terra, a gente de Piratininga, na lembrança imorredoura do seu maior Poeta, exigem que Guilherme de Almeida repouse no coração de sua "Última Trincheira",

DECRETA:

Art. 1º — Fica permitida em caráter excepcional, a inumação dos restos mortais do Poeta GUILHERME DE ALMEIDA, na cripta do Mausoléu dos Heróis de 1.932, no Parque Ibirapuera.

Art. 2º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 11 de julho de 1969, 416º da fundação de São Paulo.

O P R E F E I T O,
PAULO SALIM MALUF



CASA DE

GUILHERME DE ALMEIDA